

ROTEIRO DE LEITURA versão completa***Ler para Ser. Ler para Ter***— **conversa com o professor** —

*... todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor
que faça uma parte de seu trabalho.
Umberto Eco¹*

Diz-me como lê e eu te direi quem és.

Os professores sabem que não basta ensinar a ler, porque não basta ao aluno saber ler. É preciso que o aluno saiba abstrair da leitura informações que o levem a uma ação efetiva de vida, a uma mudança de hábitos pessoais de compreensão da palavra, do mundo representado pela palavra, à formação de um salutar hábito de pesquisa que permaneça antes, durante e depois do professor.

É preciso formar no aluno a capacidade de ler além da palavra escrita, de ensiná-lo a ir além do significado, a chegar à significação da palavra dentro do contexto em que se insere, até a formação de significação do próprio contexto, levando na bagagem a capacidade de ressignificar esse(s) contexto(s) a cada aprendizado, no processo de sempre recomeçar.

Nesse caso, cabe ao professor mostrar a seu aluno que cada obra direciona sua própria leitura, que é preciso estar atento aos caminhos que a obra abre diante de seu leitor, que cada obra encerra diferentes processos de leitura para um mesmo leitor².

Quem procura sempre acha, se não um prego, uma tacha.

Primeiro, há que se conhecer a história:

*...no meio do caminho existe a mata. A mata tem segredos, dizem que transmuda tudo.
De um lado da mata está o castelo do rei Terêncio, rei Ter, para ficar mais
fácil, e para ser mais sincero, pois esse rei gosta mesmo de ter, tudo e a qualquer*

¹ ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

² A esse respeito é interessante a leitura do livro de Alberto Manguel “**Uma história da leitura**”. O comentário de orelha define bem o teor da obra: “Alberto Manguel é primeiro um leitor, e, nesta condição, se escolheu narrar as conformações da leitura ao longo do tempo, é porque está ciente de quantos tentáculos uma boa história pode ter”.

preço. Mas... é possível ter tudo? De outro lado, fica a aldeia, onde moram, acordam, comem, convivem os camponeses, artesãos, pastores e tecelões. Todos trabalham muito.

Uma manhã, que apenas aparentemente começa como as outras, revela uma nave espacial nos campos de trigo. Todos querem saber o que é a nave, de onde vem, quem vem nela, mas só as crianças entendem. Só as crianças sabem o que nem mesmo o rei pode saber.

Uma nave pode modificar a vida de uma aldeia, de um castelo, de qualquer lugar onde Ser possa fazer diferença. Ser ou Ter? Escolha seu caminho.

O livro **O Ser/O Ter** é breve como um conto (ou dois, que se entrelaçam). Por ser breve, como um conto, pode-se lê-lo de uma assentada, duas, talvez, uma para cada lado (o lado do Ser e o lado do Ter, o leitor escolhe a ordem). Se de um lado existe uma estranha nave espacial, de outro, um rei egoísta e possessivo. No meio (do caminho para onde?) uma mata que tem segredos, mete medo, uma mata que mata ou no mínimo transmuda (o quê?). É nesse campo que o professor deve agir.

No seu primeiro contato com o livro, o professor pode orientar o aluno para explorá-lo, lê-lo como tiver vontade, primeiro um lado depois o outro, os dois lados paralelamente, depois os títulos de cada capítulo, ver se eles se cruzam, se formam uma “quase história”, um poema dadaísta. O aluno deve fazer anotações de suas “descobertas”, de fatos, ditados populares, poemas que a primeira leitura suscita³.

Temos, então, no livro, duas narrativas que se constroem paralelamente: são duas sucessões de acontecimentos, em duas unidades de ação, mas que constituem um só discurso. Como essa estrutura se monta? A análise dos elementos da narrativa leva a conclusões.

Nesse momento, o trabalho pode ser realizado juntamente com a classe: o professor deve conduzir a análise dos elementos da narrativa: narrador / personagens / sequência de ações / tempo e espaço / elemento motivador, problema, solução e daí conduzir os alunos às conclusões.(3)

A **linguagem** é um dos aspectos mais importantes na construção do sentido dessa narrativa, pois estabelece a duplicidade que se apresenta ao longo de toda narrativa. Tudo é dois, ou antes, tudo tem dois lados. São dois espaços, o lado do castelo e o lado da aldeia, regulados por dois

³ O livro de Nadia Batella Gotlib “**Teoria do conto**” estuda o conto nos seus aspectos teóricos e em suas manifestações, do conto de fadas ao conto *excepcional*. A autora explica a teoria de Edgar Allan Poe sobre a unidade de efeito.

O texto integral em inglês “*Twice-Told Tales A Review by Edgar Allan Poe*” onde o autor desenvolve o princípio do efeito pode ser lido no site <http://www.eldritchpress.org/nh/nhpoe1.html>

personagens, o Ser e o Rei Ter. É aí que se revela o jogo das **duas** palavras em **duas** categorias gramaticais: **ser** e **ter**. Usados como **substantivos** nomeiam dois seres cujas principais características residem nas mesmas palavras usadas como **verbos**:

- **ser** verbo de ligação, não significativo, assume caráter intransitivo no livro. O Ser apenas é, não possui, apenas usa. O Ser **é** independente, porque produz seu próprio agasalho, caça sua própria energia e quanto mais aprende, mais **é**. Um ser que se mantém também na duplicidade dos dois elementos gramaticais, verbo/substantivo – um querer-vontade, um poder-ação.
- **ter** verbo transitivo direto, significativo, que perde sua transitividade habitual, para assumir uma intransitividade ditada pelas características da personagem. Explica-se: não importa o quê, não importa como, o rei quer ter, pura e simplesmente, não importa como nem para quê, e é aí que está a principal diferença entre ele e o ser, pois o Ser não tem, apenas usa, não busca a posse, mas a utilidade e o Ter apenas tem, não usa, busca a posse.

Entre os dois, bem ao centro, a narrativa se constrói visualmente, no meio de tudo a mata que mata, mete medo, transmuda como quem sugere “– Mude de lado!”; quem faz seu percurso de leitura do lado do Ter, constrói mentalmente o lado do Ser, sem saber o que é ser, e de suas inferências, parte para o confronto com a narrativa construída verbalmente. O mesmo ocorre com quem vem do lado do Ser: não sabe que Ter não se refere a o quê, mas a quem.

No final da história, o que resta é a história. Explica-se: o Ser, embora estivesse perdido, não tinha pressa, anotou suas conclusões e foi-se embora; o Ter ficou sem “sua” nave e teve de encarar a consciência do povo escrita na faixa “*Em terra de rei cego, quem tem olho é o povo*”; as crianças sabem (o que é apenas ser) e contam na entrevista, pois depois que não se tem mais o que ver, resta o que há para ouvir (bem, isso para quem tem ouvidos de ouvir!).

Antônio Prole está pleno de razão quando diz “*não conheço leitores literários que não sejam leitores ativos, reclamamos o direito de participar, com o escritor, na elaboração do sentido, somos operários na construção da obra literária*”⁴. É por isso que, ao contrário do Rei Ter que “*não gosta de ler, nem de aprender*”, é preciso ler para ser leitor e é preciso ler para ter conhecimento do que foi, do que é e do que será. É preciso ler, fazemos uma parte do trabalho.

⁴ PROLE, Antônio. **E então eu, o leitor, para que sirvo?** Artigo encontrado no site <http://www.casadaleitura.org>

Quem tem panos, que arme as tendas.

Sugestões de trabalho com alunos a partir do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental adequando-se à faixa etária. Depois da leitura, que pode ser feita individual ou coletivamente, o professor pode realizar trabalhos:

1. Apropriação do conto (inclusão no repertório do aluno)
 - pesquisa e debate de vocabulário
 - reconstrução oral da história, por partes, pelos dois lados.
2. Desenvolvimento de competências

LINGUÍSTICA

- listagem das observações das crianças, sobre a nave e sobre o Ser;
- regulamento do concurso sobre a nave;
- redigir uma carta do Ser à sua mãe;
- recontar as histórias de memória, com mudança de foco narrativo (do ponto de vista do Ser; do ponto de vista de uma das crianças; do ponto de vista do quitandeiro, que tem visão parcial e configura o narrador observador)
- montar jogral poético que recontar a história, alternando-se os lados;
- montar painel de notícias jornalísticas que seguem cronologicamente os fatos, desde o pouso da nave, até seu desaparecimento, passando pelos concursos e editais do rei;
- recortar os ditados que são títulos dos capítulos do livro e montar poemas dadaístas com esses títulos inteiros ou recortados⁵;
- entrevistas em dois momentos:

⁵ Dadaísmo – movimento originado em 1915, em plena 1ª Guerra Mundial, em Zurique (cidade que se conservou neutra com relação à guerra). O movimento, que negava todas as tradições sociais e artísticas, tinha como base um anarquismo niilista e o slogan de Bakunin: “a destruição também é criação”.

Mais informações no site http://www.pitoresco.com.br/art_data/dadaismo

Tristan Tzara, um dos principais representantes do movimento, dá uma receita, em seu último manifesto, para fazer um poema dadaísta:

Pegue um jornal.

Pegue a tesoura.

Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.

Recorte o artigo.

Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco.

Agite suavemente.

Tire em seguida cada pedaço um após o outro.

Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.

O poema se parecerá com você.

E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público.

1º momento – dividir a classe em grupos pares; cada grupo elabora uma entrevista a ser feita com o Ser;

2º momento – as entrevistas são trocadas e cada grupo responde a entrevista feita por outro grupo, como se fosse o Ser (para isso, é preciso que as ideias do Ser sejam discutidas e fiquem claras para os alunos)

- grande painel de depoimentos – esta atividade pode ser mais produtiva quando feita como encerramento: o professor monta num quadro na parede da classe ou do pátio da escola dois painéis: MEUS MOMENTOS DE SER e MEUS MOMENTOS DE TER. Os alunos colocam seus depoimentos nesses painéis e como finalização o professor pode escolher discutir ou não esses depoimentos com o grupo.

ESPACIAL

- criar maquetes do ambiente, com sucata, massa de modelar, seguindo os passos da leitura ou recriando a pagina central;
- os alunos das series finais podem montar o cenário e as cenas usando recorte e colagem em painel, ou em varal de fotos.
- criação de jogos de dados e pinos (caminhar pelas casas, revivendo os momentos mais importantes da narrativa);
- para alunos com domínio em informática, pode-se propor a criação de um blog onde os resultados e conclusões dos debates, depoimentos, desenhos, fotos sejam postados;

CORPORAL-CINESTÉSICA

- dramatização do texto – o texto em partes, no todo, subdividido ou cruzado pode ser roteirizado pelas turmas finais do EF, que já conhecem a pontuação do diálogo, verbos de elocução, discurso direto e indireto.

3. Atividades relacionadas – análises/discussões/intertextualidades com outras obras.

Filmes

Para os menores (sugere-se de 3º a 6º ano, mas cabe ao professor estabelecer o grau de maturidade e o repertório de suas turmas)

Shrek 1,2,3

Série de filmes de computação gráfica, dirigidos por Andrew Adamson, produzidos por Dream Works Animation e distribuídos por Paramount Pictures, disponíveis em DVD.

Contam a história do ogro Shrek, da princesa Fiona e dialogam com contos de fadas tradicionais.

Shrek e Fiona, vivem divididos entre aquilo que são (generosos, amigos, apaixonados), aquilo que parecem (ogros, feios), o que têm e o que querem.

Carros

Filme de animação dirigido por John Lasseter, produzido pelos Estúdios Disney e Pixar, disponível em DVD.

A história de Relâmpago McQueen, vivendo seu momento de glória, perde-se na estrada. Aprende, com a ajuda de verdadeiros amigos, que há coisas mais importantes na vida do que fama e glória.

Para os mais velhos (de 7º ano em diante)

Escritores da liberdade

Dirigido por Richard LaGravenese, estrelado por Hilary Swank, lançado em DVD em julho de 2007. Numa escola pública de um bairro periférico, jovem professora ensina a seus alunos os valores da disciplina e da compreensão através da Literatura. Instigante, fundamental para que se perceba a mudança que a Educação em geral e a Literatura em particular podem trazer para a vida dos alunos que se comprometem.

Billy Elliot

Dirigido por Stephen Daldry, estrelado por Jamie Bell, disponível em DVD. O jovem Billy descobre seu talento, a dança, o que contraria profundamente seu pai, um sisudo e tradicional minerador inglês. Mas quando existe a certeza do que se é, a realização é plena.

O fabuloso destino de Amélie Poulain

Dirigido por Jean-Pierre Jeunet, estrelado por Audrey Tautou, disponível em DVD. Amélie descobre uma antiga caixa cheia de objetos infantis. Ao sair em busca de seu dono, acaba encontrando a si mesma. Divertido e encantador.

Os irmãos Grimm

Dirigido por Terry Gilliam e estrelado por Matt Damon e Heath Ledger, disponível em DVD. O filme conta uma história com os dois lendários irmãos, misturando contos de fadas, suspense e ação.

Bibliografia — Leituras recomendadas

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- GOTLIB, Nadia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1999.
- MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Para facilitar o trabalho do professor, apresentamos o levantamento dos **elementos da narrativa**.

Elementos da narrativa

— análise comparativa dos dois lados —

O **ELEMENTO GERADOR** de toda trama é o **aparecimento de uma nave nos campos de trigo**, *algo tão incomum que chega alterando a rotina da vida de cada um e traz mudanças incríveis para a conhecida paisagem*.

O **problema que se instala** na narrativa é a transformação que o fato extraordinário causa na vida ordinária, rotineira das pessoas da aldeia e do castelo, inclusive na vida do rei (*“Sempre muito calado, sempre muito paciente e sem nada para contar, hoje o quitandeiro está apressado e muito inquieto. Quer falar”*).

Narrador

Segundo a tipologia de Norman Friedman o foco narrativo nas duas partes é em 3ª pessoa. Trata-se do narrador onisciente, ou narrador onisciente neutro, que “tem a liberdade de narrar à vontade (...) adotando um ponto de vista divino, como diria Sartre, para além dos limites de tempo e espaço”¹. Não se observa, nesse caso, a intrusão do narrador, com seus próprios comentários.

Tempo

O tempo da narrativa não é cronologicamente datado, mas é marcado pelo tempo de permanência da nave na aldeia, ou seja, o tempo concreto de duração do fato.

Personagens e espaço físico

As personagens não são propriamente caracterizadas pelo espaço que ocupam na narrativa, mas existe uma separação natural designativa do status de cada um:

- Do lado do castelo, o Rei Ter, reinando absoluto entre suas veleidades, cercado de pessoas importantes, segundo seu próprio ponto de vista (exército, ministros, conselheiros e nobres).

¹ LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1999.



- Do lado da aldeia, seus moradores, entre eles, as crianças, e, temporariamente, o Ser e os estranhos e estrangeiros. O espaço da aldeia é o espaço aberto para mudanças, já que não está diretamente sob as vistas do rei (ou melhor, está, mas ele não vê) e por isso é onde existe liberdade, inclusive para receber os estranhos e estrangeiros e para “olhar” algo tão inusitado quanto uma nave.
- No meio dos dois espaços, inclusive ocupando estrategicamente o centro do livro, o vetor para a mudança de lado (o que vira o espaço narrativo de cabeça para baixo) está a mata, impenetrável.

O Dicionário de Símbolos de Chevalier e Gheerbrant apresenta interessantes interpretações para esses elementos:

Castelo – *“na vida real assim como nos contos e nos sonhos, em geral o castelo está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá impressão de segurança, mas de uma segurança no mais alto grau. (...) Todavia, sua própria localização isola-o (...) E o que ele encerra, separado assim do resto do mundo, adquire um aspecto longínquo ...”* Realmente, o Rei Ter se acredita protegido em seu castelo, inacessível aos cidadãos de sua aldeia (“tudo é seu: terra, súdoito, viajante, nave e o que nela existe.”)

Cidade (no caso, a aldeia) – *“Segundo a psicanálise moderna, a cidade é um símbolo da mãe. Com seu duplo aspecto de proteção e limite”. Com seus habitantes, protegidos da “visão do rei, é a cidade que abriga as crianças, as únicas capazes de encontrarem e de compreenderem o Ser.*

Floresta (no caso, a mata) – *“... gera, ao mesmo tempo, angústia e serenidade, opressão e simpatia, como todas as poderosas manifestações da vida. (...) Para o psicanalista moderno, por sua obscuridade e seu enraizamento profundo, a floresta simboliza o inconsciente. Os terrores da floresta, tal como os terrores pânticos, seriam inspirados, segundo Jung, pelo medo das revelações do inconsciente.”* Como mostra o narrador, *“Todos seguem a mesma trilha, já bem limpa e conhecida, mais segura, mais batida, sem na grande mata entrar”.* Não entram na mata, nem na nave, apenas as crianças, que, por sua curiosidade e encantamento diante do mundo, mesmo tendo medo, entram na nave. (Será que elas brincam na floresta?).

Quadro das ações

O Ser (na aldeia)

(*) a ação dos camponeses é apresentada no espaço do Ter, mas ela realmente ocorre no espaço do Ser.

A nave	chega / brilha / não é vista
Todos	dormem
Homem	vê a nave / assusta-se / chama todos
Todos	acodem / não entendem nada
Multidão	vem ver a novidade / não entende
A nave	não se move
As crianças	sabem / nada dizem / se reúnem / observam a nave / tocam-na / exploram-na / sentem medo exploram / fogem despertam / não entendem voltam / encaram o Ser
As crianças / o Ser	conversam / entendem-se
As crianças	visitam a nave são vistas saindo do campo
Todos	fazem planos sobre a nave
Um homem	desperta/ percebe o sumiço da nave
As crianças	dormem sabem (contam nas entrevistas, no espaço do Ter)

Vida antes do aparecimento da nave

Elemento modificador

A mata
mete medo
mata
transmuda
tem segredos

O Ter (no castelo)

Rei Ter	gostava de ter / listava seus bens / percorria o mundo / fazia discursos
(*) camponeses / artesãos / pastores / tecelões	moram / dormem / acordam / convivem / trabalham / cantam
Quitandeiros	conta a novidade
Todos	querem saber
Rei Ter	ouve a novidade/ não se interessa fica curioso chama general manda soldados (3 / 4 / 5 / 7)
Ninguém	volta
Rei Ter	nomeia comitiva/faz planos para ganhar dinheiro assiste à entrevista das crianças decide tomar a nave exército / ministros / conselheiros
chama	
Ninguém	vem
Rei Ter	vê que a nave partiu esperneia
Ninguém	vê / ouve
O rei	se descobre sozinho lê a faixa

Quadro das personagens e espaço

O Ser (na aldeia)

Moradores da aldeia as crianças
os aldeões
(camponeses/
artesãos/ pastores
tecelões/ o homem)

O Ser

A multidão de estranhos e estrangeiros

A mata

O Ter (no castelo)

O Rei Terêncio (Rei Ter)

(Ministros/ conselheiros/ nobres – são apenas citados, não praticam efetivamente nenhuma ação)

Exército

Todas são personagens planas, pois não sofrem modificações no decorrer da narrativa. Seguem a rotina de suas ações, colocadas no início do TER.

O rei lista seus bens, corre o mundo, faz discursos. Para a caracterização do Rei Ter, o narrador se vale de verbos no presente do indicativo, como indicador de fatos que sempre acontecem. O uso do presente do indicativo nas ações do rei confirma a caracterização da personagem como plana, pois suas características não se alteram no decorrer da narrativa.

Os aldeões – moram, dormem, acordam, convive, trabalham, e às vezes cantam.

A mata, que pode ser encarada como personagem na narrativa, pois “*mete medo. Dizem que a mata mata. Dizem que a mata transmuda tudo e todos, tempo e gente, e que, lá do outro lado, uma vez atravessada, tudo fica diferente. A mata tem seus segredos*”.

A exceção a esse grupo é representada pelas crianças, que evoluem como personagens, ao enfrentar seu medo, ao aprender a lidar como o novo e ao transmitir a boa nova.

A solução – o Ser, embora estivesse perdido, não tinha pressa, anotou suas conclusões e foi-se embora o Ter ficou sem “sua” nave e teve de encarar a consciência do povo escrita na faixa “*Em terra de rei cego, quem tem olho é o povo*” as crianças sabem (o que é apenas ser) e contam na entrevista, pois depois que não se tem mais o que ver, resta o que há para ouvir (bem, isso para quem tem ouvidos de ouvir!).

Linguagem

Ser

verbo ser – verbo não significativo

verbo de ligação

precedido de artigo, torna-se **substantivo**

O Ser é (ser na sua essência, aprendiz de vida: quanto mais aprende, mais é ser) **mas não tem**. “do lugar de onde vem, só o que importa é ser”.

Ter

verbo ter – verbo significativo

verbo transitivo direto

precedido de artigo, torna-se **substantivo**, é o apelido do rei

O Rei tem (dinheiro, joias, poder e fama), **mas não é** em si mesmo, está sempre “vestido” com suas posses.

Título de cada capítulo

O título de cada capítulo é um ditado popular, ou uma releitura-brincadeira que se faz com esse ditado. A leitura cruzada desses títulos (há inúmeras possibilidades de cruzamento) mostra o percurso da história. A listagem feita aqui obedece a sequência cronológica dos fatos:

O Ser

Naves virão, novas trarão.
A nave chegou de madrugada.
É preciso ver para crer.
Mais são as vozes que as nozes.
A verdade fala pela boca dos pequenos.
Pernas pra que te quero.
Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.
Ser ou não ser? Ser. Eis a questão.
Vê-se pela aragem quem vai na carruagem.
Quem sabe, sabe. Quem não sabe, aprende.
Quem muito quer saber, mexerico quer fazer.
Quem muito espera, desespera.
Dormir o sono dos justos.

—

O Ter

—

Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
Por caminho reto, o longe se faz perto.
Quem canta seus males espanta.
Quem conta um conto, aumenta um ponto.
Quem quer vai, quem não quer manda.
Seu rei mandou dizer.
Meu reino por um... (cavalo?)
Vontade de rei é lei.
O rei não está nu.
A tarde sabe de coisas que a manhã nem desconfia
Onde o ouro fala, tudo cala.
Quem tudo quer, nada tem.
(Em terra de rei cego, quem tem olho é o povo)

Roteiro Deleitura elaborado pela Prof^a Maria Cristina Tortorello, formada em Letras pela PUC em Pedagogia pela Casper Líbero, Especialista em Português, Língua e Literatura e em Psicopedagogia pela UMESP.